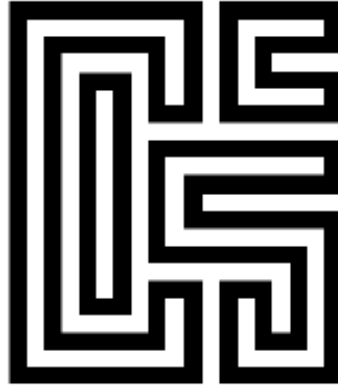


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA

**A Cruz e o quadrado do círculo mundial –  
Observações acerca das idéias e a história cultural de um  
símbolo**

(a partir de um ensaio radiofônico)

*- Das Kreuz und die Quadratur des Weltkreises -  
Anmerkungen zur Ideen- und Kulturgeschichte eines Symbols*

Dr. Roger Uchtmann - 1997  
Tradução : Günter Wilhelm Uhlmann – 2002

Cristóvão Colombo e a sua tripulação formaram a primeira turma de emissários do circuito da ocidental cultura cristã, a qual, após atravessar o atlântico, encontrou um continente desconhecido habitado por um povo estranho o qual chamaram de índios.

Na sua bagagem levaram não somente armas, presentes e objetos de troca a serem utilizados conforme as conveniências da situação, mas levavam também o símbolo central da fé cristã, a cruz.

Quando Colombo e seus seguidores decidiram, descobrir e conquistar o mundo, enfrentaram inicialmente a oposição da igreja que demonstrava um elevado ceticismo diante de tal empreitada. Aparentemente a igreja não estava tão convencida da universalidade de seu símbolo.

Foram os inventores, os hereges e os cientistas que cedo descobriram a aplicabilidade da cruz. Foram estes que tornaram possível a navegação marítima ao dividirem o globo terrestre em coordenadas e abscissas, com o auxílio tecnológico dos aparelhos de medição e dos mapas marítimos, criando um sistema de coordenadas. Este sistema permitiu a que se pudesse planejar as viagens e viabilizasse as missões, pois cada ponto, não importando se estivesse em terra ou mar, poderia ser marcado e conseqüentemente localizado novamente.

A utilização de símbolos e sinais fez com que os ancestrais de nossa espécie, se tornassem humanos. Sinais e símbolos já eram usados pelos nossos antepassados para poderem se entender, para sua orientação na caça, determinar a que grupo pertenciam,

expressar relações de poder, demarcar fronteiras e direcionar o entendimento do Mundo.

O conceito de símbolo deriva do grego no qual significava originalmente “jogado em um lugar”, ou seja um aglutinado de coisas. Assim os símbolos eram inicialmente feixes, amarrados, pacotes de associações de relacionamentos que reuniam, empacotavam, pensamentos e objetos da natureza tais como pedras, penas, esqueletos de animais entre outros com associações observadas e construídas pelo homem.

Os índios norte-americanos conheciam tais objetos principalmente como sendo pacotes de guerra e medicinais, ou seja símbolos da guerra ou destruição e símbolos da paz ou cura.

Os símbolos e sinais ampliam a capacidade de reconhecimento do homem para uma nova dimensão teórica associada à reflexão. O homem ao pensar, sonhar e brincar se depara com objetos do mundo exterior, percebidos como portadores de um valor, de uma utilidade seja como ferramenta ou como símbolo, de conteúdo superior ao do seu mero valor material, ou seja o homem atribuiu a estas coisas um significado.

O filósofo Ronald Harry Wettstein constatou que:

“Ao ocorrer um novo descobrimento geográfico com este é estabelecido normalmente um novo relacionamento com a realidade; no entanto, em se tratando de descobertas teóricas haverá a junção de novos relacionamentos com a realidade e o teoricamente elaborado...”

Os pacotes de associações simbólicas desde os primórdios da historia cultural foram complementados por símbolos abstratos.

Pode-se imaginar como sendo a causa principal desta evolução a própria expansão do espaço vital. Esta expansão trouxe uma inflação de novos objetos, alternativas e pensamentos que teriam de ser acrescentados ao inicial pacote de associações. A percepção deste contínuo crescimento permite inferir que o pacote acabará por tornar-se incontrolável e incomensurável pois para que pudesse manter a sua validade e aplicabilidade se tornaria, em algum momento, do tamanho do mundo.

O símbolo abstrato é a inversão deste processo, com a intenção de permitir o governo, manejo enfim lidar com a realidade do mundo. Apresenta-se como sendo um plano ou mapa universal do mundo aplicável às múltiplas associações possíveis neste mundo.

A antropóloga cultural Marie König, em seu livro “Nos primórdios da cultura” (*Am Anfang der Kultur*), coloca que o pensamento humano desde o início estava caracterizado pelos contrastes, ou seja os opostos, as diferenças. Para ela o mundo se compõe de duas partes contrastantes entre si representadas simbolicamente pelo haltere, que é composto de duas esferas unidas por uma barra, denominado de ‘esferoide’ (*Sphäroid* - esfera + o + eidos).

Os primeiros homens em suas excursões pelo mundo, inclusive na Europa, se depararam com estas figuras, criadas ocasionalmente pela natureza muito antes de o homem ter-se apropriado delas para o seu uso.

Até hoje pode ser visto na França, em uma caverna próxima a *Noisy-sur-Ücole* no *Mont des Sabots*, um esferoide constituído de solido material rochoso. Esta dupla esfera esta envolta por muitas

ranhuras e entalhes em forma de conchas, que se sobrepõem ocupando, do chão ao teto, todo o espaço da caverna. Os entalhes demonstram como a forma deste esferoide impressionou e ocupou os nossos antepassados.

Nas grutas próximas também foram achados sinais riscados nas paredes o que leva a se crer que seriam locais nos quais havia a celebração de um culto ao redor da caverna principal.

Pode-se entender a dupla esfera como um símbolo abstrato que conduziu o primitivo raciocínio, o pensar, a uma primeira formulação fundamentada no pensar em opostos, em contraposições, em uma percepção de duais diferenças.

A primeira e mais importante diferença percebida por estes homens primitivos, geradores e utilizadores de símbolos, foi a diferença que havia entre os símbolos gerados e o ambiente, ou seja a não-natureza e a natureza. A não-natureza era composta dos desenhos e ranhuras feitas pelos homens nas pedras e rochas que levariam a todo um universo de sinais – culturais.

O homem primitivo deu início com estes seus desenhos, seus primeiros sinais, à delimitação do que é próprio e do que é de uma outra espécie, fato que futuramente passará a ser formulado como sendo a diferença entre a cultura e a natureza.

Este singelo modelo de uma dupla esfera permitiu a que se pudesse representar as diferenças entre a natureza e a cultura, direita e esquerda, homem e mulher e mais tarde do superior e do inferior, do céu e do inferno.

Na árvore e as suas ramificações a humanidade encontrou um outro modelo que pudesse refinar as diferenças, ainda brutas,

das representações, hierarquizando-as e assim permitir uma maior sutileza da representação.

A árvore foi utilizada em muitas culturas como modelo de representação dos ordenamentos naturais e sociais. Passou a expressar as relações de parentesco em um determinado agrupamento social porém o seu grosso tronco expressava também toda mítica da origem do grupo.

Os índios norte-americanos reduziram freqüentemente esta árvore ao seu eixo a um assim chamado tronco totêmico.

Ainda hoje falamos em árvore genealógica, da qual nos valem para demonstrar laços de parentesco com determinados antepassados.

A árvore e as suas ramificações também foi utilizada como modelo para o ordenamento visual da paisagem de uma região.

A árvore do mundo passou a representar nestas aplicações uma espécie de sistema de coordenadas para ordenar o observado e o raciocínio do observador.

A história cultural mostra que rapidamente houve a redução da dupla esfera. O homem passou a experimentar modelos como redes e cruces lineares, que eram riscados em cascas redondas, nos esferoides como também em placas rochosas.

Há notícias de modelos da idade da pedra que funcionavam como os tabuleiros dos jogos de xadrez e trilha. Estes modelos e as cruces lineares podem ser decodificados geneticamente quando são percebidos como sendo uma abstração do modelo da árvore. A árvore percebida desta maneira é decomposta em seus elementos

estruturais que, em análise última, são linhas horizontais e verticais.

A representação da árvore e as suas abstrações foi-se distanciando cada vez mais dos seus relacionamentos originais, daquilo que representam até dissolve-lo completamente.

A humanidade fez uma importante descoberta ao modificar suas representações, inspiradas a partir das árvores e talvez até das teias das aranhas como indicam alguns mitos indígenas, feitas nas cascas, nos esferoides e nas placas rochosas, para representações por motivos em grade que levaram à representação pela cruz linear.

A redução do modelo em grade para a cruz linear, ou seja para duas linhas que se cruzam em ângulo reto em um determinado ponto da reta foi de fundamental importância para o processo de desenvolvimento da humanidade. Afirma Marie König que “A humanidade achou um ponto fixo no universo, o ponto de interseção dos eixos, o ponto central do universo, o ponto central do mundo cultural. É deste ponto que partem os quatro rumos, representados simbolicamente na Bíblia por quatro rios. Mostraram as quatro regiões principais do horizonte, os quatro pontos cardinais... com isto o mundo imaginado como um difuso esferoide ganhou um ordenamento crescente”.

Foi com a cruz que o homem descobriu um sistema de definição do mundo utilizável e aplicável a qualquer situação desconhecida em qualquer parte deste mundo. Este sistema não fez com que o homem descobrisse o centro de um mundo como até então conhecia, mas sim fez um sistema que lhe permitisse o

acesso ao desconhecido por meio de um símbolo simples e facilmente transportável.

A cruz além disto permitiu ainda a possibilidade de alavancar a diferença entre a natureza e a cultura. Permitiu ao homem ser, ao menos teoricamente, mais poderoso que a natureza passando a ordená-la e conformá-la conforme as suas necessidades.

O primeiro homem que tentou um projeto desta envergadura no círculo mítico judaico cristão foi segundo a bíblia o lavrador Caim, filho primogênito de Adão e Eva.

A descrição do paraíso dada pelo primeiro livro de Moisés apresenta o jardim do Éden com duas árvores principais e as quatro nascentes dos seus igualmente quatro rios.

Ainda segundo a história da mitologia bíblica, Adão e Eva deixaram o campo do paradisíaco que ficava debaixo da árvore da vida para se dirigir ao campo da agricultura, que estava sob o sinal da cruz e do quadrado. Estas duas formas, a cruz e o quadrado precisavam ser entendidas pelo homem ao pretender praticar o cultivo e a arquitetura, logo tendo de definir as delimitações geográficas.

Adão e Eva perderam o paraíso em razão de terem comido, não da árvore da vida mas sim da árvore do conhecimento, afinal não lhes era proibido comer os frutos das árvores do paraíso, inclusive os da árvore da vida. A perda do paraíso se deu por terem comido o fruto proibido.

A árvore da vida, diferentemente das demais árvores inclusive a árvore do conhecimento, foi por Deus alocada exatamente no meio do jardim do Éden.



Daí se concebe esta árvore da vida como sendo o núcleo do ordenamento primitivo no qual o conhecimento não era visto como um fenômeno central, daí a árvore do conhecimento não teve um lugar central no paraíso.

A opção de colher e comer o fruto da árvore do conhecimento, foi apresentada no velho testamento como tendo sido uma opção que levou, mais tarde a sentimentos de culpa, que culminaram na perda da própria existência sem culpas, interesses e trabalho. O texto bíblico não oferece nenhuma indicação da razão de Adão e Eva terem tido a necessidade de comerem o fruto da única árvore lhes proibida. A Bíblia afirma de terem sido seduzidos pela serpente que os levou a optar por aquela alternativa uma vez que puderam escolher entre as opções. Fica a impressão que Adão e Eva estavam entediados da monótona vida do jardim do éden, logo estariam ansiosos por novos desejos, dificuldades e incumbências.

A ciência nos apresenta, no entanto, uma outra visão deste fato. Os pesquisadores da gênese humana acreditam que o paraíso bíblico na verdade eram as florestas africanas nas quais os primeiros hominídeos levavam uma vida muito próxima da despreocupação paradisíaca.

Tem-se hoje a certeza que as primitivas florestas africanas da pré-história cobriam uma área muito mais extensa daquele continente.

Acredita-se que a perda deste espaço vital devido à diminuição da floresta, forçou aqueles primeiros homens a pensarem em novas maneiras e métodos de sobrevivência tais como a agricultura. Há aproximadamente 12.000 anos, de fato, a humanidade começou a praticar a agricultura na Mesopotâmia, na

região entre os rios Tigre e Eufrates. Não tardou a surgirem os primeiros aglomerados urbanos, o mais conhecido provavelmente em *Catal Hüyük*. A bíblica Jerico, surgida aprox. 8.000 a.C. também é um exemplo destas primeiras cidades.

A partir desta fundamentação pode-se interpretar que o conhecimento, a descoberta que Adão e Eva fizeram ao alterarem suas até então condições de vida, ter sido em primeiro plano, o fato de terem de se confrontar com a aproximação morte. À medida que as florestas foram se extinguindo, desapareceram também os alimentos dos quais os nossos antepassados se valiam. Entender este relacionamento foi o principal esforço cognitivo destes povos para não morressem junto com as florestas.

No ordenamento inicial, o da abundância paradisíaca, este conhecimento não se fazia necessário. Foi somente a ameaçadora perda do paraíso da floresta que levou ao reconhecimento da morte e deste ao reconhecimento de si mesmo. Estes conhecimentos foram básicos e necessários para que pudesse ocorrer a sua mudança do modo de viver.

A partir desta perspectiva a serpente passa a ser interpretada, não mais como sedutora mas sim como uma mensageira, da necessidade de se ter a percepção da morte e de si mesmo, que tornaram possível a própria sobrevivência.

A pré-bíblica aliança com Deus é simbolizada na bíblia a pela árvore da vida e a aliança bíblica é simbolizada pela árvore do conhecimento. O primeiro livro de Moisés trata de lutas, das externas e das convulsões internas dos homens, que surgiram devido à passagem de uma ordem para um novo ordenamento. Fica perceptível daí que tiveram de ser reinterpretadas e

redefinidas, não somente as relações do homem com o seu ambiente e sociedade, mas também com o divino. O relacionamento com Deus estava mudado, toda a religiosidade, todos os mitos e rituais foram ajustados para uma nova realidade.

A temática do velho testamento apresenta esta passagem, com a conseqüente ruptura e decorrentes dificuldades, trazendo dois modelos e sistemas concorrentes entre si, o modelo do pastor Abel e o do agricultor Caim, que acabou prevalecendo.

Na bíblia o pastor Abel é apresentado como o irmão mais jovem do agricultor Caim embora, sob o prisma da história cultural, ele tivesse pertencido a uma formação anterior, mais velha, a dos pastores nômades que viriam a ser substituída no novo ordenamento.

O velho testamento pretende introduzir um novo modelo, caracterizado pela agricultura e pela construção de cidades, procurando preservar, concomitantemente, o poder da concepção anterior. Apesar de a época descrita já se encontrar sob a égide do regime do agricultor Caim, simbolicamente ainda se encontrava sob o sinal do pastor Abel cujas oferendas ainda eram mais valorizadas por Deus do que as de Caim.

O assassinato de Abel por Caim evoca a pretensão deste de impor um novo ordenamento sob o signo da agricultura e simultaneamente contestar a legitimidade das antigas oferendas.

A partir deste momento as velhas tradições religiosas e sociais tiveram de abdicar, dando lugar aos novos regulamento segundo as concepções de Caim. Os autores do velho testamento, no entanto,

permitem a que Eva desse à luz um terceiro filho, Seth, lhe dado por Deus como o substituto de Abel.

Esta engenhosidade dos autores permitiu a que a autoridade simbólica do velho ordenamento fosse mantida no novo ordenamento do mundo agrícola, pois todas as demais pessoas evocadas nas histórias bíblicas são descendentes de Seth. Daí decorre o fato de toda a genealogia mitológica da bíblia iniciar-se com Seth e não com Caim. Os mais conhecidos descendentes Seth segundo o livro de Moisés são Matusalém, Noé, Abrão e Jacó, o futuro Israel. O evangelho segundo Matheus irá continuar esta genealogia de Abrão e do rei David até Jesus.

A partir deste momento ocorre algo curioso. O símbolo da cruz, conhecido por todas as culturas agrícolas, da agricultura, da escrita e da tecelagem; posiciona-se com a crucificação de Jesus Cristo no cerne da religiosidade.

Um símbolo do cotidiano, profano, comum e usual e por isto mesmo imperceptível, foi alçado para o centro da adoração.

Será que foi somente o fato da crucificação que fez com que a cruz se tornasse o centro do credo dos cristãos?

A cruz nunca expressou cultura, sempre foi um símbolo técnico utilizado para procedimentos técnicos. Foi utilizado para ordenar a terra, para urbanizá-la e cultivá-la e assim permitir com que a cultura também fosse alimentada.

Para os nossos antepassados a idéia de enxergar na profana cruz uma conotação de santidade era algo inconcebível, uma vez que sua utilidade sempre residiu nas aplicações de cunho técnico, pragmático.

A germinação da cultura manteve-se estática nos conglomerados e incipientes cidades naquilo que ela sempre fora. Ela era o espaço vital, o ambiente da humanidade com os seus jogos, línguas, sonhos, canções, estórias, mitos e ritos. A sua força motriz era a diferença entre a natureza e a cultura.

A partir do instante que o homem começou a construir espaços vitais artificiais, fechando envoltas por muros suas cidades, nas quais a natureza não poderia penetrar sem uma causa definida, sem um propósito específico como útil reconhecido. Este fato levou-o a sentir-se superior à natureza. Os portões da cidade não serviam apenas para controlar a entrada das pessoas. Foram também o agente transformador das pessoas e dos produtos da natureza em mercadorias e matérias primas quantificáveis e estocáveis, as quais poderiam entrar ou não a partir de critérios por ele estabelecidos em função da sua utilidade.

As pessoas nestas cidades foram, conforme afirma o romanista Robert Harrison em seu livro *Wälder* (Florestas), “ ... condenadas a uma incerteza sobre a vida, pois nunca puderam experimentar e verificar, na realidade, a sua própria vida, somente receberam vagos e discrepantes relatos sobre esta, como se fosse de uma terra estranha”.

Mesmo assim esta confrontação com a realidade ocorreu quando se deparavam com a natureza, com estrangeiros e os pertencentes a uma outra espécie.

A incerteza e dubiosidade advinda da divisão das terras e pela imposição de suas convicções e modelos aos, pastores, nômades, excluídos, desprezados, heróis, peregrinos, amantes, santos, perseguidos, marginalizados, perdidos, perturbados, extasiados e

nativos, ou seja todos aqueles que viviam fora das cidades e dos vilarejos, seccionando-lhes o nervo vital.

Foi Caim provavelmente o primeiro homem que, segundo a tradição bíblica, argüiu pela utilidade da cultura, ao desejar lhe aplicar os princípios da agricultura. Até este ponto entendia por cultura, o singelo ser humano, o como se é. Os animais, as plantas e todas as demais coisas tinham a sua forma de ser própria, diversa da do homem.

Foi por este pensamento de Caim, que surgiu pela primeira vez na historia do desenvolvimento do homem, o sentimento do seu onipresente e absoluto poder. A perspectiva contemporânea da psicologia, entende estas fantasias de poder absoluto como sendo próprias das primeiras fases da infância.

A crescente capacidade matemática e técnica do homem não levou a uma evolução da cultura. Pelo contrario, despertaram uma regressão mental que culminou em sentimentos de onipotência da qual não nos recuperamos integralmente até hoje. A moderna tecnologia, de aparência tão pacífica, gera por traz da sua fachada funcional, também condições mortais para o homem e o ambiente.

As práticas religiosas do agricultor Caim foram seguramente mais pacíficas que as práticas do pastor Abel que não dispensavam o sacrifício de animais. As praticas dos rituais não violentas somente puderam ser alcançadas pelo assassinato Abel ao qual se seguiram outras mortes.

Os sábios autores da genealogia bíblica, Moisés e Matheus, devem ter imaginado este perigo. A arvore da genealogia cultural, que nos une ao jardim do Éden, começou com Adão e Seth,

terminando com Jesus. O técnico agrícola Caim foi sumariamente suprimido.

O princípio de Caim, no entanto, venceu. Pela crucificação de Jesus houve a validação e afirmação dos princípios da validade em função da sua utilidade. Jesus foi um marginalizado crucificado pela escala da utilidade em substituição e nome, de todos os demais marginalizados.

Por outro lado é esta cruz também, um sinal de advertência, com a intenção de nos mostrar em qual ponto deve ocorrer o fim do pensamento utilitarista.

A cruz foi aplicada inicialmente somente às terras, aos estrangeiros e marginalizados ou seja o abstrato foi aplicado sobre o que é estranho. Pela retroprojeção deste uso passou também para os povoados que pela quadratura puderam adquirir o formato de uma moderna cidade que se imiscuía na paisagem .

Foi esta auto crucificação das cidades que fez com que estas perdessem os seus muros e com estes os seus limites. No entanto, as cidades não irão se refugiar na natureza da paisagem mas sim irão dissolve-la.

O ser – humano, que se estabelece pelo relacionamento dialético do homem com a natureza, retrai-se e o homem passa a ter de ocupar a posição do vazio na natureza, de ser a natureza, de ser uma segunda natureza que por seu turno será esquadrihada e crucificada com métodos cada vez mais refinados.

Visto desta maneira, o Jesus crucificado e na cruz permanentemente permanecendo, é simultaneamente o primeiro homem moderno e o ultimo dos ancestrais humanos. Na cruz foram

ofertados ao mesmo tempo a natureza e a cultura anulando as suas diferenças.

O homem natural passa a ser a invenção de uma civilização que banuiu e dominou a natureza, e foi exatamente a universalização no campo da natureza que levou afinal à dissolução da cultura.

Os dois milênios sob o domínio da cruz nos ofereceram não somente a divisão do mundo e o universo, em coordenadas e abscissas. Nos ofereceram também a exata localização por coordenadas dos genes nos cromossomos e de toda a tecnologia genética. Nos ensinou também a maltratar animais e plantas, a desmontá-los e conforme nosso pensar e julgar os remontar. Nos levaram também ao computador e à realidade virtual simulada por computadores, cuja descoberta passou a ser festejada como o fora o descobrimento de novos continentes.

O mundo da computação mantém o modelo cognitivo da cruz. Nestes, no entanto, as coordenadas estão pré-determinadas antes mesmo de algo acontecer ou tornar-se visível.

Trata-se em principio de colunas de números que irão definir posições, cores, movimentos e as propriedades dos objetos a serem visualizados.

A cruz e os sistemas de coordenadas estão se tornando um código único, que atinge e representa tudo que é introduzido no computador e deste projetado como um cenário para o mundo afim de instruí-lo, como sendo uma ordem de como proceder.

Cada pessoa torna-se um ponto microscópico num campo de ordenadas e coordenadas, entre ordem e classificação. Ordenar significa alocar alguma coisa em uma serie na qual pelo seu



ordenamento, tudo se torna comum e ordinário. O excepcional, o inusual, a natureza e a cultura não mais encontram um lugar.

A simulação tecnológica assume a posição da cultura e o homem assume a original posição da natureza, como uma segunda natureza, como uma natureza substituta.

A precisa e calculada elegância destes aparatos faz com que toda a sua cultura seja somente a expressão da ausência da sua naturalidade. Cada uma das pessoas, por mais simples que seja, acaba por tornar-se neste jogo, mais cedo ou mais tarde algo excepcional, e caso não possa ser transformado em um rejeitado cultural, será eliminado geneticamente. Cabe-lhe aguardar somente a sua crucificação a sua solução final.

A religião e a cultura significam o confronto com coisas amedrontadoras. O medo da humanidade determinou e influenciou em iguais proporções tanto a religião como a cultura. Não há como eliminar estes medos, pois o medo é parte intrínseca da condição do ser humano. Não se pode eliminá-lo, porém é possível aprender a lidar com ele, e para tanto, é necessário refletir sobre as raízes da cultura.

Sistemas semelhantes também se formaram nas florestas sul-americanas. Nestas as rochas e pedras, enquanto suportes cumulativos das realizações simbólicas, foram substituídas por alimentos. Nestas o motivo, o modelo das semi esferas foi obtido pelo uso do alimento abóbora gerando o sistema da abóbora.

A abóbora dividida em duas metades, as cabaças, eram utilizadas não somente para o transporte e armazenamento de

bebidas e de outros alimentos, mas adquiriram outros valores simbólicos que correspondem àqueles até então aqui analisados.

Uma outra aplicação deste modelo pode ser observada também na simbologia chinesa *Yin e Yang*, o *Tao* que significa originalmente Caminho ou processo. O *tao* com as suas duas metades em forma de gotas, deve representar a constituição do mundo e tornar visível o mecanismo pela qual o universo se desenvolve. Este mecanismo pode ser descrito, como uma poderosa maquina modificadora e do constante mudar, que para atuar necessita das diferenças, da contraposição entre a natureza e a cultura.

O *tao* no entanto não se limita a este aspecto. Atua também na esfera social ordenando-a. Os homens por exemplo são definidos como seres culturais e as mulheres como pertencentes à natureza. Desta maneira o *tao* não é usado somente como um aparato de constituição do mundo cultural mas sim também como um instrumento do poder.

Neste ponto a natureza se torna um conceito abstrato, aplicável a tudo que não pode ser encaixado neste ordenamento. Todo o diverso, o outro, inclusive os homens estranhos, passavam a ser parte da natureza e eram tidos como revestidos de poderes incalculáveis, que deveriam ser dominadas e controladas. O homem estranho somente pode ser aceito como não natureza a partir do momento que ele demonstra entender de símbolos e se valer também de poderosos símbolos.